

NAS MARGENS DA LITERATURA E DO JORNALISMO: UM ESTUDO DA OBRA *HOLOCAUSTO BRASILEIRO*, DE DANIELA ARBEX

Francisco Aquinei Timóteo Queirós¹
Élisson Nogueira Magalhães²

RESUMO

O presente artigo busca analisar a obra *Holocausto Brasileiro*, da jornalista mineira Daniela Arbex. O estudo centra-se na discussão das ferramentas presentes na “vertente” do Novo Jornalismo ou *New Journalism*, focalizando a construção cena a cena, os diálogos completos, o ponto de vista e os detalhes simbólicos. O Novo Jornalismo emerge como um momento singular de aproximação entre jornalismo e literatura, ocorrido na década de 1960, nos Estados Unidos. O “movimento” representa também uma forma de resistência ao paradigma do *lead* e da pirâmide invertida. O relato jornalístico, segundo essa vertente, propõe um mergulho profundo nas dinâmicas sociais, históricas e cotidianas – afastando-se das injunções do jornalismo do tradicional. A investigação alicerça-se sob as bases da pesquisa bibliográfica, ancorando-se nas discussões propostas pelos comentadores Tom Wolfe, Erik Neveu e Juan de Moraes Domingues.

Palavras-chave: Novo Jornalismo; Holocausto Brasileiro; Daniela Arbex

IN THE BORDER OF LITERATURE AND JOURNALISM: A STUDY OF THE *HOLOCAUSTO BRASILEIRO*, BY DANIELA ARBEX

ABSTRACT

This article analyzes the *Holocausto Brasileiro*, by the journalist Daniela Arbex. The study focuses on the discussion of the tools present in the New Journalism or New American Journalism, focusing on scene-by-scene construction, complete dialogues, point of view, and symbolic details. New Journalism emerges as a singular moment of approximation between journalism and literature, which occurred in the 1960s in the United States. The "movement" also represents a form of resistance to the paradigm of the lead and the inverted pyramid. The journalistic report, according to this aspect, proposes a deep dive in the social, historical and daily dynamics - moving away from the injunctions of journalism of the traditional. The research is based of the bibliographical research, anchoring itself in the discussions proposed by Tom Wolfe, Erik Neveu and Juan de Moraes Domingues.

Keywords: *New Journalism*; Holocausto Brasileiro, Daniela Arbex

Introdução

A obra *Holocausto Brasileiro*, da jornalista mineira Daniela Arbex³, aborda os detalhes de um dos episódios mais marcantes da história nacional, ocorrido no maior

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, na linha de pesquisa Linguagem e Práticas Jornalísticas, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professor efetivo do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre (UFAC). Bolsista Prodoutoral (Capes). E-mail: aquinei@gmail.com.

² Graduado em Comunicação Social/Jornalismo, pela Universidade Federal do Acre (UFAC).

hospício do Brasil, conhecido por Colônia, localizado na cidade de Barbacena, no estado de Minas Gerais.

Publicado pela editora Geração, em 2013, as 255 páginas apresentam relatos dramáticos do extermínio de 60 mil pessoas e os bastidores do Colônia. A tragédia carrega o carimbo da legitimação pelo estado brasileiro, em razão da convivência entre médicos, funcionários e da população. A indiferença da sociedade também a torna responsável, porque a omissão, durante tanto tempo, resultou na violação dos direitos humanos mais básicos.

O livro é dividido em catorze capítulos, abordando de forma ampla, a rotina do hospital, os depoimentos dos pacientes, dos funcionários, dos vizinhos, dos jornalistas e de outras pessoas que tiveram relação direta ou indireta com o Colônia. No Colônia foram contabilizadas cerca de 60 mil mortes durante o período de funcionamento do hospital. A maior parte dos pacientes foi internada à força. A cada dez internações, aproximadamente sete não tinham diagnóstico de doença mental. Do universo de internos, pelo menos 33 eram jovens e adolescentes.

O nome do livro remete ao extermínio ocorrido na Alemanha na década de 1940. Segundo a autora, a forma como as pessoas eram encaminhadas ao hospital era degradante, pois “abarrotavam os vagões de carga de maneira idêntica aos judeus levados, durante a Segunda Guerra Mundial, para os campos de concentração nazistas de Auschwitz” (ARBEX, 2013, p.27).

Os motivos das internações no Hospital Colônia poderiam ser considerados *kafkianos*, pois os pretextos são os mais diversos. Desde epiléticos, prostitutas, alcoólatras, homossexuais, pessoas que perturbavam a ordem. Havia ainda casos de meninas grávidas violentadas por seus patrões, esposas confinadas para que o marido pudesse morar com a amante, filhas de fazendeiros que perderam a virgindade antes do casamento, homens e mulheres que haviam perdido seus documentos. Até timidez se

³ Daniela Arbex, natural de Juiz de Fora, Minas Gerais, é jornalista, escritora e documentarista. Há 22 anos é repórter especial do Jornal Tribuna de Minas. Em sua trajetória, já acumula mais de 20 prêmios nacionais e internacionais. Ganhou três prêmios Esso, o mais recente em 2012 com a série “*Holocausto Brasileiro*”. Em duas oportunidades recebeu menção honrosa no prêmio Vladimir Herzog (2002 e 2009). Em 2010, foi vencedora no *Knight International Journalism*, entregue nos Estados Unidos. No prêmio também foi vencedora no IPYS de Melhor Investigação Jornalística da América Latina e Caribe (Transparência Internacional e Instituto *Prensa y Sociedad*), recebido em 2009, e menção honrosa, em 2012. Em 2002, na Europa, recebeu menção honrosa no Prêmio Lorenzo Natali. Em 2014 foi condecorada com o Prêmio Carrano de Luta Antimanicomial e Direitos Humanos. É autora das obras *Holocausto Brasileiro* (2013), *Cova 312* (2015) e *Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate Kiss* (2018).

tornava desculpa para internação. Ao chegarem ao hospício, os internos tinham as cabeças raspadas, roupas arrancadas, além do fato de os funcionários rebatizarem os pacientes, pois desprezavam seus verdadeiros nomes.

O livro de Daniela Arbex permite restituir aos pacientes nomes, histórias e identidades. Como Maria de Jesus, internada porque sentia tristeza; ou Antonio Gomes da Silva, internado sem diagnóstico, que durante 21 dos 34 anos em que permaneceu internado, ficou calado, simplesmente porque ninguém se lembrou de perguntar se ele falava.

O hospital fica situado na Serra da Mantiqueira, lugar em que as temperaturas são geralmente baixas devido à cadeia de montanhas. Nessa situação, os internos eram largados, nus ou cobertos apenas por trapos, ao relento em noites geladas. O grau de desumanidade no tratamento dos internos atinge o absurdo. Houve situações em que pacientes bebiam urina ou água do esgoto, comiam ratos, dormiam sobre capim, além de inúmeros casos de espancamentos e estupros. O livro relata ainda casos de mulheres internadas que durante a gravidez, lutando desesperadamente pela proteção de seus bebês, lambuzavam-se de fezes para não serem tocadas. Mesmo assim, cerca de 30 bebês foram arrancados de suas mães e doados.

Nessas condições, as mortes eram frequentes. Nos picos de superlotação, em média 16 pessoas faleciam diariamente, devido ao frio, fome, doença ou choque. Sobre o tratamento de eletrochoque, às vezes as descargas eram tão potentes e frequentes, que a rede do município era sobrecarregada e caía.

As mortes geravam lucro, como afirma Eliane Brum: “nada se perdia, exceto a vida” (2013, p.14). No livro, há um capítulo intitulado “A venda de cadáveres” (2013, p. 69), denunciando a terrível negociação dos corpos dos mortos para 17 faculdades de medicina. Estima-se que 1.853 cadáveres foram vendidos entre 1969 e 1980, sem que ninguém refutasse. Quando a venda de cadáveres reduziu, a “solução” foi a decomposição dos corpos em ácido no pátio do hospital para comercializarem as ossadas. O detalhe é que os pacientes assistiam a tudo.

Como precursor no debate sobre o Hospital Colônia, em 1961, a revista *O Cruzeiro* publicou matéria sobre o local, intitulada “A sucursal do inferno”, pelo fotógrafo Luiz Alfredo e pelo repórter José Franco. Após testemunhar aquela terrível barbárie, Luiz Alfredo desabafou com seu chefe Eugênio Silva: “Aquilo não é uma

acidente, mas um assassinato em massa. Só precisei clicar a máquina, porque o horror estava ali” (ARBEX, 2013, p. 172).

O jornal *O Estado de Minas*, em 1979, por meio da fotógrafa Jane Faria e do repórter Hiram Firmino produziram “Os porões da loucura”. Ainda em 1979, Helvécio Ratton, produziu o curta-documentário *Em nome da razão*, um símbolo na luta antimanicomial.

Houve também profissionais que militaram nessa causa. Por exemplo, Franco Basiglia, psiquiatra italiano, precursor na luta pelo fim dos manicômios, também visitou o Colônia e declarou numa coletiva de imprensa, em 1979: “Estive hoje num campo de concentração nazista. Em lugar nenhum do mundo, presenciei uma tragédia como esta” (ARBEX, 2013, p. 207).

De acordo com a autora, a motivação para o livro se deve pelo fato que muitas pessoas ainda não conhecem essa história. “Eu me perguntei: como minha geração não sabe nada sobre isso?”⁴. Por ser um fato desconhecido para algumas pessoas, além de denunciar aquela situação e dar voz aos anônimos, esses pontos vão ao encontro do objetivo do jornalismo literário apontado por Felipe Pena, quando afirma que ele deve “ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos” e “exercer plenamente a cidadania” (PENA, 2011, p. 13).

Holocausto brasileiro

Para análise do *corpus*, adota-se a pesquisa bibliográfica, buscando entender de que forma se correlacionam jornalismo e literatura. Para esse intento, parte-se da “vertente” estadunidense do Novo Jornalismo.

Antes de começar a utilizar os instrumentos literários para confeccionar um texto, necessariamente o autor precisa partir dos fatos reais. Trazendo para o contexto do livro *Holocausto Brasileiro*, Daniela Arbex partiu das pessoas, da cidade de Barbacena-MG e dos sobreviventes.

Pela importância de *Holocausto Brasileiro*, Daniela Arbex tem consciência do poder representativo e legitimador do jornalismo na sociedade. Ao ancorar-se nas bases

⁴ Disponível em <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/mg/2013-07-12/holocausto-brasileiro-60-mil-morreram-em-manicomio-de-minas-gerais.html>>. Acesso em 1 de junho de 2017.

do jornalismo literário, a autora compreende o papel social, cultural, político e histórico do relato periodístico na reconstrução narrativa dos fatos.

Entretanto, a reconstrução da realidade, mesmo que esteja na melhor das intenções, ainda assim, está passível de críticas. Matinas Suzuki Jr, que assinou o posfácio intitulado *Nem tudo é verdade, apesar de verdadeiro* na edição de 2003 de *A sangue frio*, justifica sobre como a verdade factual é tratada. “Os bons jornalistas literários se dizem menos interessados na exatidão das palavras de suas entrevistas – como faz o jornalismo rotineiro – do que em vislumbrar os sentidos mais profundos mascarados pelas palavras dos entrevistados” (SUZUKI JR., 2003, p. 432).

Somente a partir da apuração, checagem e entrevistas, o material levantado pode ser “decupado”, iniciando-se o processo de escrita e a adequação das ferramentas literárias de acordo com as técnicas adotadas pela jornalista. Por isso, a narrativa consegue ser tão rica em detalhes.

Daniela Arbex (2013) conseguiu dar maior visibilidade, sentido e razão de ser à história em torno do Hospital Colônia, com base na vivência das personagens. Essa perspectiva se aproxima do pensamento de Erik Neveu (2016) – que argumenta que é necessário “retornar à factualidade do microcosmo observado, produzindo sentido a partir das experiências subjetivas de quem lá vive” (NEVEU, 2016, p.30).

Percebe-se em *Holocausto Brasileiro* que as técnicas do jornalismo diário não foram esquecidas, pois Arbex (2013) preza pelo detalhamento dos dados, das informações íntimas das personagens e dos locais. A utilização das ferramentas jornalístico-literárias em *Holocausto Brasileiro* se revela não apenas como fator estético, mas serve para ampliar as possibilidades de entendimento e de leitura dos acontecimentos sociais.

Novo Jornalismo no Holocausto Brasileiro

É necessário ressaltar que essa pesquisa optou por abordar somente as características do Jornalismo Literário sob a ótica do Novo Jornalismo, apontados por Tom Wolfe na obra *Radical Chique e o Novo Jornalismo* (2005), tais como descrição cena a cena, uso de diálogos de forma integral, emprego de pontos de vista e detalhes simbólicos. *Holocausto Brasileiro* apresenta as quatro características do Novo Jornalismo, ora sozinhas, ora combinadas.

Construção cena a cena

Como exemplo da característica cena a cena⁵, na obra *Holocausto Brasileiro*, nas páginas 21 e 22, foi selecionado um recorte que discorre sobre a personagem Marlene Laureano, quando se preparava para sair para o trabalho.

O antigo Arraial da Igreja Nova de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo amanheceu especialmente frio naquela segunda-feira de 1975. Uma espiada pela janela azul de madeira indicava que a neblina típica dos meses de julho tomava conta da rua Demétrio Ribeiro, no bairro Santo Antonio. Lá dentro da casa rosa de oito cômodos, Marlene Laureano se preparava para sair. Filha de mãe italiana e pai descendente de índios, a moça de vinte anos estava apreensiva. Antes das 5 horas da manhã, ela deixou o quarto e seguiu em direção à cozinha, onde a mãe esquentava leite no fogão à lenha. Vestida com calça de linho roxo e blusa rosa de algodão, roupa que só usava em ocasiões especiais, tomou o rápido café, despedindo-se em seguida. Já na rua, o ar gelado cortava o rosto da jovem. Fazia uns oito graus, mas a sensação era de temperatura negativa. O clima de temperaturas baixas para os padrões brasileiros ainda é uma das características de Barbacena, cidade encravada na serra da Mantiqueira, o maciço rochoso de Minas Gerais.

O barulho que o sapato de solado de aço fazia ao tocar as ruas de pedra confirmava que Marlene tinha pressa. Trinta minutos de caminhada, e lá estava ela de frente ao pontilhão que separava aquele lugar do resto da vila. Cruzou a estação ferroviária, vencendo o portão de ferro. Dali em diante, passou a andar pelo chão de terra batida em parte da área de mais de 8 milhões de metros quadrados. (ARBEX, 2013, p. 21-22)

Na passagem anterior, através da característica cena a cena, o leitor pode “construir” mentalmente objetos, cenários e cores. Por exemplo, o fragmento escolhido destaca “espiada pela janela azul de madeira” e “casa rosa de oito cômodos”, assim o leitor pode imaginar uma janela, de cor azul e de madeira, que fazem parte de uma casa de cor rosa e que possui oito cômodos.

Descrevendo os elementos do micro ao macro, o enredo ganha qualidade e quantidade quando aponta rua e bairro (“rua Demétrio Ribeiro, no bairro Santo Antonio”). Na sequência, pode-se deduzir ainda a sensação do leitor como se estivesse

⁵ Para Queirós (2018), a construção cena a cena constitui o elemento básico do Novo Jornalismo. A ferramenta permite ao repórter organizar a história como um imenso quadro, conferindo à narrativa fidelidade e dinamicidade, por meio da alternância de novos elementos na confecção do enredo jornalístico. O recurso potencializa os elementos da notícia, ultrapassando os limites dos acontecimentos e apresentando visões mais amplas da realidade. A ferramenta rompe, nesse sentido, com as injunções burocráticas do lead, garantindo perenidade e profundidade aos relatos jornalísticos.

“vendo” através de uma câmera filmando o trânsito do quarto em direção à cozinha, onde a mãe da personagem esquentava leite no fogão à lenha.

Como pode ser percebido, a trama se desenrola prendendo o leitor. Nesse encadeamento de lances citado acima, a personagem caminhou por trinta minutos e cruzou a “estação ferroviária, vencendo o portão de ferro”. Dali em diante, passou a andar pelo chão de terra batida em parte da área de mais de oito milhões de metros quadrados.

Destaca-se outro recorte nas páginas 22 e 23 que reconstitui o primeiro contato de Marlene Laureano no Hospital Colônia permitindo ao leitor cruzar a linha de entrada e sentir as mesmas sensações da personagem:

Apesar do tamanho, o complexo não podia ser visto do lado de fora, por causa da muralha que cercava todo o terreno. Lá dentro, a dimensão daquele espaço asperamente cinza, tomado por prédios com janelas amplas, porém gradeadas, impressionava. Marlene ainda pode perceber no pátio alguns bancos, cimentados. Ao final do trajeto, ela parou de frente ao Afonso Pena, um dos sete pavilhões do Departamento B, com cerca de 1.500 metros quadrados. Fechado por fora, a porta de madeira que dava acesso aos dormitórios começava a ser aberta.

Um cheiro insuportável alcançou sua narina. Acostumada com o perfume das rosas do escritório Brasil Flowers, onde passou sua única experiência profissional até aquele momento, Marlene foi surpreendida pelo odor fétido, vindo do interior do prédio. Nem se tinha referido de tamanho mal-estar, quando avistou montes de capim espalhados pelo chão. Junto ao mato havia seres humanos esqueléticos. Duzentos e oitenta homens, a maioria nu, rastejavam pelo assoalho branco com tozetas pretas em meio a imundície do esgoto aberto que cruzava todo o pavilhão. Marlene sentiu vontade de vomitar. Não encontrava sentido em tudo aquilo, queria gritar, mas a voz desapareceu da garganta.

Guiada por um funcionário, viu-se obrigada a entrar. Tentou evitar pisar naqueles seres desfigurados, mas eram tantos, que não havia como desviar. Só teve tempo de pensar que o mundo havia acabado, e não tinha sido avisada. Ainda com os pensamentos descoordenados, avistou num canto da ala um cadáver misturado entre os vivos. Observou quando dois homens de jaleco branco embrulharam o morto num lençol, o décimo sexto naquele dia, embora muitos outros agonizassem. Na tentativa de se aquecerem durante a noite, os pacientes dormiam empilhados, sendo comum que os de baixo fossem encontrados mortos, como naquele dia 7. (ARBEX, 2013, p. 22-23).

Na passagem, mais uma vez elementos marcantes constroem a cena, numa descrição que faz o leitor se sentir parte do ambiente. Janelas amplas, alguns bancos no pátio, o “cheiro insuportável”, montes de capim espalhados pelo chão, centenas de homens esqueléticos e a maioria nu, um morto entre os vivos. Enfim, cada um dos detalhes reunidos forma um cenário cujo leitor passa a ser uma espécie de “testemunha silenciosa” que acompanha o desdobrar da história.

Diálogos

Para ilustrar o exemplo de diálogos completos⁶, segue uma passagem que descreve um episódio relacionado à personagem de Antonio Gomes da Silva. Sua internação foi motivada pelo “desemprego” que “se somou à bebedeira e ao ‘descontrole dos negócios’, resultando em ‘sua prisão’” (ARBEX, 2013, p. 31).

Antonio fala baixo, quase como se não quisesse lembrar. Tem o rosto apoiado nas mãos, e, apesar da estatura alta, parece querer esconder-se de si mesmo. Dentro da unidade, manteve-se calado durante vinte e um dos trinta e quatro anos em que ficou internado. Considerado mudo, soltou a voz, um dia, ao ouvir a banda de música do 9º Batalhão da Polícia Militar.

- Por que você não disse que falava? – perguntou um funcionário da unidade, surpreso com a novidade.

- Uai, nunca ninguém perguntou. (ARBEX, 2013, p. 32-33)

Apesar de o trecho apresentar uma curta fala, é notório o destaque que a personagem ganha. Por meio do uso da interjeição (“uai!”, expressão típica do estado de Minas Gerais) transmite emoção e espanto, aproximando a relação personagem-leitor. Facilita ainda o poder de persuasão, porque como dito anteriormente, é fruto de intensa investigação e apuração.

O próximo exemplo narra os primeiros dias de trabalho de Francisca Moreira dos Reis ou Chiquinha, como é conhecida, no Hospital Colônia.

Com então vinte e dois anos, Chiquinha seguiu o conselho da mãe, sendo contratada no Colônia, em 1977, como auxiliar de serviços gerais. Optou pela cozinha, pois preferia enfrentar as caldeiras ao cheiro dos pavilhões.

- Qual é o cardápio? – perguntou Chiquinha em seu primeiro dia como funcionária.

- Simples – ouviu da veterana. – Segunda, quarta e sexta, arroz, feijão, ovo cozido e macarrão branco. Terça, quinta, sábado e domingo a variação é feita com a carne moída.

- E para as pensionistas, a mesma coisa?

- Claro que não. Quem pode pagar come melhor. Em vez de ovo, omelete. A gente também incrementa a carne moída e faz uns bolinhos ou hambúrguer. O macarrão vai com molho.

- E o jantar?

- Para as indigentes, sopa de macarrão branco. Entendeu? (ARBEX, 2013, p. 42).

⁶ Queirós (2018) frisa que o diálogo cumpre no Novo Jornalismo a paradoxal função de dar legitimidade e realismo ao que está sendo narrado. O diálogo também estabelece e define a personagem mais depressa e com mais eficiência do que qualquer outro recurso.

Os diálogos permitem uma cadência da leitura mais prazerosa ao leitor. Os diálogos anteriores não seriam viáveis em jornais cotidianos, pois a linguagem objetiva reduziria as falas ao uso de aspas destacando uma ou duas linhas. Principalmente, desconsideraria a emoção que a situação transmite, uma característica no jornalismo literário.

Pontos de vista

Como exemplo escolhido para ilustrar a característica de ponto de vista⁷, o recorte da página 33 da obra de Daniela Arbex detalha a trajetória desde a passagem pelo hospício até depois de sua libertação, com minúcias que somente a personagem, Antonio Gomes da Silva (apelidado de Cabo), poderia expor.

Retirado do convívio social por quase meio século, ele jamais poderia imaginar que agora era dono do seu tempo e que tinha ele mesmo o poder de clarear ou escurecer o ambiente com um simples toque no interruptor. Além de nunca ter visto um apagador de luz, ser dono de si era uma novidade para quem viveu décadas de institucionalização. Para Antonio, no entanto, se desvencilhar do Colônia foi tão difícil quanto mudar de endereço. O hospital estava ali, marcado não só em seu corpo, mas também impregnado em sua alma. Por isso, os pesadelos tornavam seu sono sobressaltado e se repetiam noite após noite. Acordava com o suor umedecendo o pijama e sempre com a mesma sensação de terror. Olhava ao redor para ver onde estava e descobria que os eletrochoques com os quais sonhava ainda o mantinham prisioneiro do Colônia.

Recordava-se sempre do início das sessões, quando era segurado pelas mãos e pelos pés para que fosse amarrado ao leito. Os gritos de medo eram calados pela borracha colocada à força entre lábios, única maneira de garantir que não tivesse a língua cortada durante as descargas elétricas. O que acontecia após o choque Cabo não sabia. Perdia a consciência, quando o castigo lhe era aplicado. (ARBEX, 2013, p. 33-35).

Na passagem acima, são apresentados detalhes íntimos e significativos sobre a personagem como, por exemplo, “nunca ter visto um apagador de luz”, além de seus pesadelos e sua dificuldade em se habituar com o ambiente fora do hospital. Sobre esses detalhes, para construir este trecho que exemplifica o aspecto do ponto de vista, é necessário que o(a) autor(a) recorra a minuciosas entrevistas, além de um processo de conquista da confiança da personagem.

⁷ Tom Wolfe (2005) explica que no recurso, conhecido como ponto de vista e fluxo de consciência, o repórter apresenta a história por intermédio dos olhos de uma personagem particular, concedendo ao leitor a sensação de estar dentro da cabeça da personagem, experimentando a realidade emocional da cena como a personagem a experimenta. Wolfe explicita que os novos jornalistas geralmente utilizavam o ponto de vista da terceira pessoa – “eu estava lá” – da mesma maneira que os memorialistas e romancistas.

Detalhes Simbólicos

Os detalhes simbólicos⁸ ou detalhes de *status* são fundamentais para compor o universo da história a ser contada. O fragmento a seguir, relata um pouco da vida das personagens Sonia e Terezinha após saírem do Hospital Colônia, além de sua condição financeira, seu nível de conhecimento e a relação com os objetos do dia a dia.

Empoderadas financeiramente, Sonia e Terezinha passaram a consumir. O mesmo aconteceu com os outros 160 pacientes que ocupam as vinte e oito residências terapêuticas existentes em Barbacena. A injeção de recurso na economia seduziu o comércio local. De lá pra cá, os loucos que tanto envergonharam a cidade passaram a ser disputados por vendedores e lojistas. Sonia adquiriu o hábito de comprar sapatos, um luxo para quem passou a vida inteira com os pés no chão. Os cabelos brancos ficaram negros de novo com as tinturas vendidas no mercado de beleza. Comprou vestidos – às vezes, usa mais de um ao mesmo tempo –, ganhou identidade. Também desenvolveu diabetes, resultado não só dos anos de iniquidade, mas também da descoberta do refrigerante já com meio século de vida, uma delícia da qual ela nunca mais quis abrir mão. Os prediletos são os de uva e guaraná, mas, desde que não falte, ela toma qualquer um. Os doces entraram no cardápio. A glicose da ex-paciente do Colônia disparou. Para ela, comer ganhou novo sentido. Sônia não sabia que o almoço e o jantar poderiam ter sabor a ponto de despertar o paladar. A “tal” comida boa virou fixação.

Apesar do analfabetismo, ela criou um método próprio para lidar com o dinheiro. Aprendeu que a nota da onça-pintada, R\$ 50, era a que mais valia. A do mico-leão-dourado, R\$ 20, dava pra comprar brincos, batom, esmalte e ainda sobrava troco. Com R\$ 10, a nota da arara, ela conseguia trazer para casa dois litros de refrigerante, biscoitos e pão. Com a da tartaruga marinha não fazia quase nada, afinal são poucas as coisas que se pode comprar com R\$ 2. Assim, com a ajuda dos bichos da fauna brasileira impressos na moeda nacional, ela tem conseguido se virar e fazer as próprias contas. (ARBEX, 2013, p. 54-55).

Os exemplos apresentados até aqui tem o propósito de salientar cada característica das personagens, tornando-as mais inteligíveis para os leitores. Os recortes selecionados nos próximos parágrafos apresentam aspectos do Novo Jornalismo de forma combinada, como as características cena a cena, os diálogos, os pontos de vista e os detalhes simbólicos.

⁸ Queirós (2018) explicita que o objetivo da intensa tentativa de descrição é apresentar as facetas e as nuances de cada personagem. Cada detalhe funciona como um signo que sempre remete a outro e a outro até ter formado completamente o desenho psicológico e social da personagem representada na cena. A minuciosa tentativa de descrever gestos, hábitos, costumes, vestuário, decoração não é mero bordado em prosa. Com os símbolos de “*status* da vida”, o leitor compreende melhor o espírito das personagens, os cenários das histórias, a época e o contexto em que a narrativa está situada.

Destaca-se aqui, o episódio com o professor universitário Ivanzir Vieira, que testemunhou a chegada de um dos lotes de mortos comprados pela Universidade Federal de Juiz de Fora. A cena reconstitui os atos do professor Ivanzir ao chegar a Universidade e o impacto de encontrar o amontoado de mortos. Por meio da combinação de características do jornalismo literário como a construção cena a cena, diálogos completos, ponto de vista e detalhes, o leitor pode captar as mesmas sensações do personagem.

A aula na faculdade estava marcada para as 9h10, e o professor, então com trinta e quatro anos, fazia questão de pontualidade. Estava a poucos minutos de descobrir que aquele não era um dia igual aos outros. Ao iniciar a subida da rua Espírito Santo, sentiu algo estranho no ar. Próximo à escola de farmácia e odontologia, viu duas moças que passavam em frente ao portão da faculdade colocando a mão no nariz, numa evidente demonstração de repugnância. A atitude das jovens chamou sua atenção. Estranhou ainda mais ao perceber que os alunos não estavam aglomerados na porta como de costume. Chegou a pensar que havia se equivocado de data, já que aos sábados não tinha aula. Lembrou-se, contudo, de que era sexta-feira, porque havia combinado de se encontrar com uma amiga no clube, à noite, para colocar o papo em dia.

- Uai, cadê os alunos? Será que meu relógio parou? – questionou-se Ivanzir, um pouco confuso.

Resolveu conferir e percebeu que os ponteiros estavam funcionando. Lembrou-se também do sino do Granbery, sempre preciso, e concluiu que estava no horário e dia certos. Ao se aproximar do portão, um forte odor o atingiu com violência. Pareceu que, dentro do prédio, havia centenas de ratos mortos já em estado de putrefação. O que provocaria isso? Seu “nariz de farmacêutico” descartou o gás sulfídrico utilizado algumas vezes por alunos em brincadeiras de mau gosto. Resolveu enfrentar o mal-estar, avançando escola adentro. Ao final do corredor Ivanzir surpreendeu-se com o que viu. No pátio da faculdade havia dezenas de cadáveres espalhados pelo chão em grotescas posições. Parecia que um maníaco sexual havia passado por ali. Os corpos das mulheres, com as saias ou camisolas erguidas, pernas abertas, desnudando sua intimidade. Os homens, com as calças ou cuecas – sujas umas, imundas outras – baixadas. As fisionomias eram pálidas, esqueléticas. Barbas crescidas, cabelos desgrenhados, pareciam egressos de um manicômio. O cheiro não deixava dúvida de que estavam mortos havia dias. O farmacêutico ficou atônito. (ARBEX, 2013, p 71-72)

Pode-se identificar no exemplo citado acima, o emprego da técnica cena a cena na evolução de uma sequência de ações como se o leitor presenciasse *in loco* o que estava ocorrendo. Como “a subida da rua Espírito Santo” ou “duas moças que passavam em frente ao portão da faculdade colocando a mão no nariz, numa evidente demonstração de repugnância” ou ainda “um forte odor o atingiu com violência”, portanto, são detalhes que engrandecem a história, amarrando e trazendo o leitor o mais próximo possível

A utilização dos diálogos, mesmo que no trecho acima citado, tenha sido uma única pergunta, feita “mentalmente” (- Uai, cadê os alunos? Será que meu relógio parou? – questionou-se Ivanzir, um pouco confuso). Ainda assim, descreve o que uma notícia cotidiana nunca usaria. Desse modo, reafirma-se que as ferramentas utilizadas geralmente na literatura enriquecem a trama substancialmente. Características que os jornais convencionais não conseguiriam com as batidas “aspas”.

Sobre a utilização do ponto de vista, identifica-se a utilização da terceira pessoa, que também reforça a sensação da presença do leitor como testemunha: “Estava a poucos minutos de descobrir que aquele não era um dia igual aos outros. Ao iniciar a subida da rua Espírito Santo, senti algo estranho no ar.”.

A utilização dos detalhes auxilia na construção do cenário, facilitando a compreensão de quem lê e na contextualização do que está acontecendo. Por conta dos detalhes descritos, o leitor pode construir, objeto a objeto o “cenário” mental. Como exemplo, “cadáveres espalhados pelo chão em grotescas posições”, “mulheres, com as saias ou camisolas erguidas, pernas abertas, desnudando sua intimidade”, “calças ou cuecas – sujas umas, imundas outras – baixadas” ou “cheiro não deixava dúvida de que estavam mortos havia dias”. O emprego dessa ferramenta requisita do jornalista abundante investigação e extrema atenção aos pormenores que integram o contexto de uma personagem.

A personagem principal do próximo fragmento escolhido é Roberto. Nascido em Goiás, mas enviado ao Colônia em Minas Gerais, porque tinha hidrocefalia, que causa inchaço no crânio. A cena da única visita do pai ganha força graças à linguagem romantizada, em que predomina a característica do ponto de vista, cuja “figura do narrador”, não se limita apenas a descrição do desenrolar das ações. A “presença do narrador faz com que as ambiências e as emoções sejam inteligíveis (...) ou permite dar sentido às ações dos protagonistas” (NEVEU, 2016, p.33). Há também passagens de cena a cena, que transmite uma sequência que imprime fortes emoções ao leitor.

Roberto, o único garoto visitado por um familiar, não chegou sequer a sair do hospital para passear, conforme havia sido prometido. Ele era chamado de Ted pelas funcionárias, por se assemelhar a Ted Boy Marino, o lutador de cabelo liso e dourado contratado, em 1965, pela TV Excelsior, onde participava de um quadro de luta livre. O crime de Roberto foi ter nascido com hidrocefalia, problema que provocava inchaço no crânio, mas que tem tratamento. Possuía traços bonitos, mas não atendia aos padrões sociais, experimentando a exclusão. Com doze irmãos, tinha uma mãe carinhosa;

entretanto, por ser diferente dos outros, a família decidiu que Roberto não poderia ficar entre eles. De Goiás, Roberto foi despachado para o hospital em Minas. Por isso, quando o pai avisou que ia ver o filho, as funcionárias comemoraram. Finalmente Ted, um dos protegidos de Marlene Laureano, teria um momento feliz. Quem sabe até voltaria para casa?

Quando o homem chegou ao hospital, sua expressão era endurecida. A de Roberto, ao contrário, se iluminou. Com nove anos, ele correu pra abraçar o pai, que não via há quase um ano. A emoção do encontro fez o menino ter uma pequena incontinência urinária. Quando chegou perto do pai, algumas gotas de xixi molharam a calça que estava vestindo, a melhor roupa que as funcionárias encontraram. O goiano até tentou esconder o desconforto diante daquela criança desajeitada, mas não conseguiu. Constrangido com o aspecto do filho, o pai disse que sairia para buscar almoço. Deixou a comida lá e nunca mais apareceu. A indiferença paterna atingiu em cheio o coração do menino gordinho e sensível. Deixado para morrer no Colônia, ele foi definhando. Não sucumbiu de fome, nem de frio, como os outros, mas de tristeza. (ARBEX, 2013, p. 94-95)

Sobre o recorte acima citado, referente à cena de abandono do filho por um pai, o poder de comoção que o texto jornalístico-literário causa em quem lê, seria impossível caso fosse reproduzida numa matéria do jornalismo convencional. Assim, caso obedecesse somente à técnica de *lead* e da linguagem objetiva, seriam perdidos os detalhes e a carga dramática da linguagem.

Débora, que foi tirada da mãe, paciente do hospital com apenas dez dias de vida, é a protagonista do exemplo a seguir. Sem saber sobre sua origem, Débora foi adotada por uma auxiliar de enfermagem do hospício, que levava a garotinha para o trabalho e convivia com as internas. Cresceu numa conflituosa relação com a mãe adotiva. Sem entender as constantes crises, decide se matar. Como não obteve êxito no suicídio, decide investigar as respostas para suas inquietações. Com maestria, Daniela Arbex descreve resumidamente a vida de Débora utilizando as ferramentas do jornalismo literário.

As características literárias utilizadas são ponto de vista, cena a cena, diálogos e os detalhes simbólicos. A tessitura da narrativa possibilita ao leitor perceber em minúcias sobre o (des)encontro entre a filha e a mãe e como a autora utilizou as informações biográficas da personagem que combinadas às ferramentas literárias consegue transmitir alto grau de dramaticidade na trama.

Sentada na linha do trem, Débora Aparecida Soares, vinte e um anos, esperava pela morte. Havia tomado vinte comprimidos minutos antes, mas não teve paciência de esperar a superdosagem fazer efeito. Como queria garantir que nada sairia errado, ela partiu para a estrada de ferro, a mesma por onde havia passado o trem da solidão coletiva, com parada obrigatória no

Colônia. Trinta minutos haviam transcorrido, e nada de a morte chegar. Nem para morrer ela servia, pensava. Naquele 23 de dezembro de 2005, sentia-se profundamente só. Não conseguia se encaixar na vida, pelo menos naquela que tinha levado até agora. Foi salva por uma amiga que a encontrou nos trilhos e a levou de volta pra casa. A essa altura, os remédios começaram a provocar mal-estar. A estudante da faculdade de Letras já não conseguia mais coordenar as ideias, sentia a consciência se esvaír. O serviço de emergência foi acionado, e Débora, levada para o hospital regional da Fundação Hospitalar de Minas Gerais, construído nas dependências do antigo pavilhão do Colônia, o Afonso Pena. Passou a noite lá, onde foi submetida a uma lavagem intestinal. Mas nenhum procedimento médico foi capaz de arrancar de dentro dela o vazio que sentia.

A sensação de não pertencimento ao lugar em que cresceu sempre a acompanhou. Já na infância, ela não reconhecia a família com quem vivia, apesar do amor que nutria pelo pai e pelo irmão cinco anos mais velho. Com a mãe, a relação era conflituosa. Sentia-se diferente dela, mas não compreendia o motivo. De fato era uma criança triste, sem retratos, cercada de silêncio. Até o seu ambiente de brincadeiras era estranho.

Quando criança, recorda-se de correr pelos pavilhões do Colônia, onde a mãe, Jurema Pires Soares, trabalhava como auxiliar de enfermagem. Aquelas mulheres nuas e de cheiro ruim eram suas “tias”. Sempre que Débora chegava, elas a chamavam de neném e queriam pegá-la no colo. Ela também se lembra de ter crescido com horror ao tom azul do uniforme do hospital de Barbacena. Aquilo, sim, metia medo. Aos sete anos, numa de suas incursões pelo hospício, a menina conheceu uma paciente.

- Tia, por que você está aqui?

- Porque não tenho casa. Mas tenho duas filhas.

- E onde elas estão? Queria brincar com elas.

- Isso eu não sei – respondeu a mulher, com os olhos úmidos.

A menina não entendeu nada. Despediu-se com um abraço e continuou correndo por entre as camas da instituição. Uma funcionária que assistia a tudo de longe, virou as costas para esconder o pranto. (ARBEX, 2013, p. 117-118)

Os diálogos utilizados promovem uma intimidade maior entre o leitor e a trama. Além de melhorar o ritmo de leitura, amplia o poder de persuasão agradando ainda mais o leitor. Proporciona também uma maior aproximação com a realidade, pois deve ser o mais inalterado possível. Em conformidade com o pensamento de Cosson (2001):

(...) os diálogos são considerados “transparentes” como linguagem narrativa, a apresentação deles exige que sejam o mais natural possível em si mesmos. Um diálogo “natural” é aquele que, mesmo em linguagem escrita, guarda o tom coloquial próprio da fala. Logo, o registro da fala direta e espontânea das personagens naturaliza os diálogos e age também como processo narrativo que busca a transparência da linguagem. (COSSON, 2001, p. 59)

Além da utilização de linguagem poética (“nenhum procedimento médico foi capaz de arrancar de dentro dela o vazio que sentia”), as características literárias utilizadas acima são concatenadas como notas musicais que dão harmonia e ritmo de

leitura a quem lê. Uma farta gama de informações e particularidades que só seriam possíveis através de equivalente investigação.

Pelo nível do texto escrito, percebe-se que Daniela Arbex sabe de seu compromisso ao escrever um livro de jornalismo literário. Importante ressaltar que nenhuma das personagens é inventada. Nenhum dado informado seria possível se não houvesse investigação, apuração e checagem das informações levantadas *in loco*, por documentos ou entrevistas.

Considerações finais

Holocausto Brasileiro nos mostra que a combinação de ferramentas da literatura com o jornalismo é fundamental para ultrapassar a linguagem objetiva e superficial. Além de dar visibilidade aos “invisíveis” e voz aos anônimos, significa devolver aos pacientes nomes, histórias e identidade.

A obra de Daniela Arbex oportunizou ainda ampliar os pontos de vista e engrandecer o que foi limitado nas notícias de jornal pelo *lead* (Que? Quem? Quando? Onde? Como? Por que?). Facilitou ainda a um público maior, conhecer de forma mais ampla um dos maiores genocídios legitimados pelo Estado na história do Brasil.

O livro objeto dessa pesquisa confirma sua importância no acervo bibliográfico de jornalismo literário. Pois realizou, de forma contundente, uma ampla investigação com reflexão social e política a respeito do Hospital Colônia. A obra rompe com as fronteiras da mera descrição dos acontecimentos cotidianos e analisa a realidade sobre a chacina no hospício em Barbacena de modo mais aprofundado.

Aliar fato e ficção possibilita ao jornalista literário alargar consideravelmente seu ângulo de visão. Contudo, sem deixar de lado a missão jornalística de divulgar a informação precisa e correta com fidelidade. Desta maneira, pode-se destacar que a relevância do jornalismo literário tem papel determinante para problematização da prática jornalística.

Vale ressaltar que o fato de a obra *Holocausto Brasileiro* empregar artifícios, geralmente, utilizados pela literatura, pode oportunizar ao leitor uma forma criativa de mergulhar numa trama, que carrega o esforço de reconstituir um acontecimento, narrativas e personagens.

O livro-reportagem *Holocausto Brasileiro* não se limita ao *corpus* em si. Não trata apenas sobre a história de um hospício, nem sobre saúde pública, mas de humanos e a maneira como foram desumanizados. Homens e mulheres, cujas vidas foram banalizadas junto com seus amores, dores, alegrias e tristezas.

O presente artigo é uma contribuição ao cenário acadêmico no que se refere ao novo jornalismo, ao livro-reportagem e ao jornalismo narrativo. Independentemente da forma como se nomeia, a aproximação entre jornalismo e literatura desempenha papel ancilar na configuração das problemáticas sociais e na leitura que se faz do mundo, além de contribuir para o fortalecimento de distintas práticas jornalísticas.

Referências

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

BRUM, Eliane. **Holocausto Brasileiro (prefácio)**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

COSSON, Rildo. **Romance-Reportagem: o gênero**. Brasília: Imprensa Oficial/Editora UnB, 2001.

DOMINGUES, Juan de Moraes. **A ficção do Novo Jornalismo nos livros-reportagem de Caco Barcellos e Fernando Moraes**. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

NEVEU, Erik. **Novos Jornalismo investigativos e Ciências Sociais: pensando empréstimos, diferenças e hibridizações**. Revista Paragrafo. Ano IV N.1. Jan/Jun 2016.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2011.


QUEIRÓS, Francisco Aquinei Timóteo. **Rasgos literários na prosa jornalística: o Novo Jornalismo em Radical Chique e em A Sangue Frio**. Rio Branco: Edufac, 2018.

SUZUKI JR., Matinas. **A Sangue Frio (posfácio)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Recebido em: 01 de setembro de 2018

Aprovado em: 28 de outubro de 2018

A collage of newspaper clippings from various languages, including German and Russian, is visible at the top of the page. The clippings are partially obscured by the title.

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA